

**BRASILEIROS DE OLHOS PUXADOS EM TERRAS JAPONESAS:
A LÍNGUA PORTUGUESA COMO FATOR CONSTITUTIVO
DE UMA BRASILIDADE *NIKKEI***

Fred Izumi Utsunomiya¹

RESUMO

Brasileiros descendentes de japoneses que vivem no Japão afirmam sua identidade cultural brasileira através do uso da língua portuguesa. Essa afirmação de pertença identitária cultural – uma brasilidade *nikkei* – manifesta-se sobretudo através do idioma e é um fenômeno sociológico-linguístico cultural da globalização recente. Esses filhos e netos de imigrantes japoneses que nasceram no Brasil no século passado – adquirindo a cultura, a identidade e a nacionalidade brasileiras – enfrentam dificuldades de adaptação cultural quando emigram para o país de seus ancestrais, principalmente pelo não domínio do idioma materno.

Palavras-Chave: Língua portuguesa, dekassegui, *nikkeis*, identidade cultural, brasileiros

ABSTRACT

Brazilians of Japanese descent living in Japan affirm their cultural identity through the Brazilian-Portuguese language. They declare belonging to the Brazilian cultural identity: the *Nikkei* Brazilianness. It is expressed through language and it is a cultural linguistic-sociological phenomenon of late globalization. The children and grandchildren of Japanese immigrants who were born in Brazil in the last century – acquiring Brazilian culture and identity and receiving Brazilian citizenship – face difficulties related to cultural adaptation when they emigrate to the country of their ancestors, especially those who do not dominate the native language.

Key-words: Portuguese language, Dekasegi, *Nikkei*, Cultural Identity, Brazilian people.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor do Centro de Comunicação e Letras da mesma universidade.

Introdução

O idioma português é utilizado como língua oficial por uma população de cerca de 240 milhões de pessoas², fato que a posiciona como a 6ª língua com mais falantes no mundo (de um universo de mais de seis mil idiomas existentes no mundo hoje) e a 3ª língua ocidental mais falada no planeta, atrás apenas do inglês (com cerca de 370 milhões de falantes nativos) e do espanhol (com aproximadamente 360 milhões de falantes). Tal condição traz grandes expectativas culturais e econômicas sobre a comunidade que se comunica em português no mundo, pois, afinal, o potencial de consumo econômico e influência cultural dessa população são expressivos, e tendem a aumentar a curto e médio prazos. Outros idiomas muito falados no mundo, sobretudo na porção ocidental, como o alemão e o italiano, não têm o mesmo potencial do português, pois a perspectiva é que seu número de falantes diminua num futuro próximo, pois seus falantes se concentram em regiões com baixos índices de natalidade.

Se por um lado o número de potenciais falantes da língua portuguesa é expressivo, de outro, a perspectiva socioeconômica não é tão favorável. Uma parcela significativa dessa população – talvez quase um terço – que se expressa em português e que espalha pelos cinco continentes não é devidamente alfabetizada ou apresenta deficiências quanto ao uso e acesso à cultura formal e, conseqüentemente, ao domínio da língua oficial. O grande desafio para o denominado mundo lusófono é a manutenção da língua nas próximas gerações e o fortalecimento da(s) identidade(s) cultural(is) que se forma(m) em torno do idioma.

A respeito da lusofonia, é oportuno relembrar que esse conceito abarca todo um sistema de comunicação linguístico-cultural no âmbito da língua portuguesa, com suas variantes geográficas e sociolinguísticas presentes nos países que a adotam como língua materna, nos que a escolheram como língua oficial e nas comunidades que usam o português para a sua comunicação (BRITO, 2002). O Brasil é país no qual esse sistema de comunicação linguístico-cultural – a lusofonia – é hegemônico, e onde não há – apesar da existência de mais de 180 outras línguas faladas no país e da aceitação da existência de

² Dados referentes a agosto de 2010, obtidos no site do Observatório da Língua Portuguesa, uma associação sem fins lucrativos que tem como um de seus objetivos contribuir para a afirmação da Língua Portuguesa como língua estratégica de comunicação internacional. Disponível em: <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/falantes-de-portugues>. Acesso em 20 de maio de 2011.

uma variedade de português “brasileiro” – uma contestação na aceitação de que a *identidade nacional brasileira*³ é fundamentada na herança da língua e cultura portuguesas.

Este *paper* tem como objetivo apresentar reflexões sobre o papel da língua portuguesa como fator de construção da idéia de pertencimento identitário⁴ cultural de brasileiros, descendentes de japoneses, que migraram para o Japão recentemente.

O movimento dekassegui: brasileiros de olhos puxados em terras japonesas

De acordo com dados do Ministério da Justiça do Japão, cerca de 267 mil brasileiros viviam em 2009 naquele país. Esse número chegou a 312.582 em 2008, mas devido à recente crise econômica mundial, houve uma diminuição de cerca de 14% nesse período, quando milhares de brasileiros retornaram ao Brasil. A maioria desses brasileiros é composta por filhos e netos de japoneses que emigraram para o Japão, terra de seus ancestrais, para trabalhar em fábricas japonesas. O brasileiro torna-se então, o dekassegui⁵, termo que em japonês significa “trabalhando distante de casa” e designa qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região ou país, geralmente nas funções mais árduas e desgastantes, atividades que o próprio cidadão japonês não se anima a desempenhar. Apesar de carregarem o sobrenome nipônico e os traços físicos orientais, esses trabalhadores acabam se identificando mais fortemente como brasileiros ao entrarem em contato com a cultura e a sociedade oriental. Tal fenômeno acontece, sobretudo, por dois motivos: a) o brasileiro sofre o choque cultural do ocidente x oriente, identificando-se mais com a cultura ocidental, apesar de estar morando no oriente e b) a sociedade japonesa em geral não absorve o imigrante em seu sistema como o brasileiro esperava. Dessa forma, a despeito de suas origens nipônicas e do seu conhecimento da cultura e da língua japonesas, o brasileiro *nikkei*⁶ ao imergir numa cultura

³ O filósofo político Michel Debrun (DEBRUN, 1990) expôs a problemática da contestação da aceitação, levantada por diversos autores, de “uma Identidade Nacional Brasileira”, sugerindo a existência de diversas “identidades brasileiras”, advindas do complexo mosaico de contrastes políticos, culturais geográficos do país.

⁴ O conceito de pertencimento identitário (“pertença identitária”) no contexto da língua portuguesa é muito bem trabalhado em “Língua e pertença identitária no contexto lusófono” (BRITO, 2004).

⁵ Termo transliterado do japonês (出稼ぎ) para o português. Conforme transcrição da escrita japonesa para os caracteres ocidentais pelo sistema Hepburn (o mais utilizado no Japão atualmente) a forma correta seria: “Dekasegi”. Alguns dicionários brasileiros já utilizam a forma aportuguesada “dekasegui”, “decasségui” ou “decassegui”. Neste trabalho preferiremos essa forma mais utilizada pela própria colônia *nikkei* do Brasil.

⁶ *Nikkei* (日系) (transliterado de acordo com o sistema Hepburn), é o termo japonês que designa os descendentes de japoneses ou japoneses que vivem fora do Japão. Paradoxalmente, os brasileiros

oriental tem uma série de dificuldades de adaptação. Ao “retornar” às suas raízes ancestrais, o brasileiro acaba sendo tratado como um estrangeiro, o que faz com que busque mais profundamente suas raízes brasileiras. Diz-se então que, apesar de rosto e sobrenome japonês, o brasileiro descendente de japoneses, tem alma brasileira.

Qual foi o contexto histórico que levou esses emigrantes brasileiros irem trabalhar no Japão? Antes de entender essa questão é imprescindível compreender o que levou os antecessores desses descendentes de japoneses a aportarem em terras brasileiras.

A imigração japonesa no Brasil

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908, numa época em que o Japão estava escoando seu excedente populacional e resolvendo seus problemas internos decorrentes da reforma política da Era Meiji (1868 a 1912), que marcou o início da Era Moderna no Japão. Por outro lado, o Brasil precisava de mão-de-obra imigrante, uma vez que a abolição da escravidão em 1888 e a implantação da cafeicultura demandava grande massa de trabalhadores braçais nesse período. Em 1902, a Itália – principal fluxo de imigrantes europeus ao Brasil na época – proibiu o recrutamento de italianos para serem encaminhados a terras brasileiras, devido às más condições de trabalho. Para preencher essa lacuna, os imigrantes japoneses foram aceitos. Nessa época, teorias sociológicas e antropológicas, de medicina social e políticas públicas estavam em voga para explicar e tentar resolver o atraso socioeconômico brasileiro. Havia a preocupação em se “branquear” a população, por isso a procura por europeus brancos, como alemães e italianos para atender a essa lógica. A elite brasileira estava preocupada em construir uma nação, sob a equivocada doutrina de eugenia racial.

Inicialmente, esses primeiros imigrantes japoneses pensavam em “fazer fortuna” no Brasil por meio da atividade agrícola e retornar ao Japão em alguns anos. Cerca de 120 mil japoneses imigraram para o Brasil sobretudo entre 1925 e 1934 (um segundo fluxo ocorreu entre 1953 e 1973, com cerca de 50 mil imigrantes). Mas com os reveses e incertezas das safras agrícolas e com a entrada e derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, esse sonho de retorno, que já vinha sendo adiado, foi definitivamente abandonado. Os japoneses fixaram suas raízes no Brasil, seus filhos assumiram a cidadania brasileira e começaram a construir uma nova identidade nacional e pessoal. Assumiram nomes ocidentais, abraçaram

descendentes de japoneses que vivem no Japão formam uma comunidade *nikkei* à parte dos japoneses nativos, apesar da origem comum.

a fé cristã, estudaram nas escolas brasileiras e ocuparam posições nos mais diversos setores da vida nacional, na economia, na política e nas artes. Hoje, há cerca de 1 milhão e trezentos mil brasileiros descendentes de japoneses, dos quais perto de trezentos mil estão no Japão. Essa é a maior comunidade *nikkei* fora do Japão. Cerca de 80% dessa população vive no Estado de São Paulo, a maior parte na região metropolitana da capital paulista.

A imigração brasileira no Japão

Em meados da década de 1980, período de grande inflação e estagnação econômica no Brasil, os primeiros brasileiros nipo-descendentes começaram a ir ao Japão para trabalhar temporariamente. Em geral, eles não tiveram grandes dificuldades para entrar no território japonês, pois eram *isseis* ou *nisseis*⁷. Alguns tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade (brasileira e japonesa); em geral eram homens de idade avançada; chefes de família; casados; falavam japonês e tinham pretensões de estadia temporária no Japão (SASAKI, 1999).

Nos anos seguintes, o perfil dos brasileiros que foram trabalhar no Japão como *dekasseguis* mudou. Se, inicialmente, o perfil era de homens de meia-idade, alguns com dupla cidadania e que dominavam o idioma japonês, nos anos seguintes, os netos de japoneses, jovens e casais que já não dominavam a língua e maridos e esposas não-descendentes começam a se tornar comuns. Esses “novos” descendentes de japoneses, na verdade, tinham muito mais proximidade com a cultura brasileira do que com a japonesa. A frágil situação econômica no Brasil nos anos 80 e 90, aliada à falta de boas perspectivas profissionais e financeiras proporcionada pelo país foram fatores que fizeram a emigração brasileira para o Japão atingir o pico. A possibilidade de prosperidade econômica oferecida pelos empregos nas grandes companhias automobilísticas e de eletrônicos do Japão foi um grande atrativo para a legião de jovens e adultos de ambos os sexos partirem em busca de uma vida melhor. Estima-se que haja de 3 a 4,5 milhões de brasileiros vivendo fora do país (BRAGA e CRISTINO, 2010), dos quais mais da metade pode se encontrar em situação legal irregular. O principal motivo para a emigração de brasileiros é a busca por melhores condições de ganho financeiro. Ultimamente, o fluxo de brasileiros para o exterior tem diminuído, em virtude dos efeitos da crise econômica global.

⁷ No sistema Hepburn: *Isei*: (一世) primeira geração – japoneses nascidos no Japão. *Nisei* (二世): segunda geração ou os filhos dos japoneses nascidos fora do Japão. Foi dada preferência para a grafia mais comumente utilizada no Brasil pelos próprios descendentes: *issei* e *nissei*.

No entanto, cumpre ressaltar que, apesar dos bons salários oferecidos pelos empregos no Japão, a jornada de trabalho, com horas extras é extenuante, a pressão por produtividade, as diferenças culturais e a barreira da língua tornaram-se fatores de estresse e desgaste para grande parte desses brasileiros. A maioria deles tinha o mesmo pensamento de seus pais e avós: juntar dinheiro e retornar ao país natal. No entanto, devido a várias circunstâncias, esses planos foram frequentemente adiados e, em muitos casos, acabaram se tornando inviáveis. Muitos brasileiros não voltarão mais ao Brasil, pois constituíram família, adquiriram imóveis, não juntaram o suficiente para retornar ao país ou não têm perspectivas de trabalho e/ou ocupação se regressarem. Mesmo com a crise econômica atingindo em cheio o Japão, que diminuiu consideravelmente a oferta de empregos e as horas extras (que se constituíam numa possibilidade de ganhos extras) apenas cerca de 80 mil brasileiros retornaram ao país.

A língua portuguesa e a pertença identitária cultural brasileira dos dekasseguis

A língua portuguesa como elemento de agregação social e constituição de pertença identitária cultural dos brasileiros no Japão se dá, principalmente por três fatores: a) O brasileiro dekassegui, em geral, não domina a língua japonesa e o português, na maioria dos casos, é o único idioma conhecido; b) A língua japonesa demanda frequentemente a posição social hierárquica no diálogo, com seus vocabulários distintos para cada nível hierárquico, tornando seu aprendizado mais complexo; c) os caracteres japoneses, principalmente os ideogramas – *kanjis* –, exigem um grande esforço para serem aprendidos, o que dificulta e desanima a prática de aquisição da leitura e o autodidatismo. Em face dessas dificuldades, somadas outras de caráter social e cultural, muitos desses brasileiros acabam se isolando em comunidades exclusivas de brasileiros e latinos, assimilando muito pouco da língua e da cultura japonesas. Em alguns casos, esse ajuntamento leva à criação de gangues e à marginalidade (principalmente adolescentes).

O cardeal brasileiro Dom Odilo Scherer resume a situação social dos brasileiros no Japão em artigo publicado enquanto foi secretário geral da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

... não falando a língua japonesa, eles dificilmente conseguem se integrar na sociedade local; a maioria chegou ao Japão pensando em trabalhar muito, ganhar dinheiro e voltar logo ao Brasil; por isso o trabalho é o projeto prioritário dessas pessoas, que fazem muitas horas extras, além dos turnos regulares de trabalho. Normalmente também trabalham no

domingo e deixam de participar das celebrações, por falta de tempo. O retorno ao Brasil vai sendo protelado, nascem filhos, que crescem sem conhecer o Brasil. Os pais acabam ficando no Japão por tempo indeterminado. Com frequência, a vida familiar acaba desagregada; muitos casais convivem pouco, têm problemas e se separam; os pais quase não têm contato com os filhos, não conseguindo mais comunicar-se com eles; os filhos aprendem o japonês e os pais não... Muitas vezes, os adolescentes deixam de freqüentar a escola, perambulando pela cidade. Os “meninos de rua” vão aparecendo e preocupam os japoneses, que os vêem como potenciais criminosos. O abandono da escola é frequente e choca os japoneses, que dão enorme valor à escola e à formação. Sem escola, no Japão não há futuro. As escolas oficiais são ótimas e gratuitas, mas quando os brasileiros querem uma escola particular de língua portuguesa para os filhos, devem pagar muito por isso. Há 33 escolas brasileiras no país. Muitas vezes os pais não podem pagar e os filhos acabam ficando sem escola. Também a formação religiosa é interrompida e, bem depressa, os adolescentes perdem o contato com a Igreja. Quando atingem 16 anos de idade, podem trabalhar e logo começam a ganhar dinheiro, que é o objetivo principal de sua estadia no Japão, deixando tudo o mais em segundo plano. Há muitos brasileiros presos, em boa parte jovens, geralmente por furto ou tráfico de drogas. (SCHERER, 2006).

Por outro lado, o uso da língua portuguesa como elemento agregador de construção identitária apresenta aspectos positivos como fortalecimento dos laços comunitários e de mobilização e ajuda mútua. Inúmeros boletins, rádios e *websites* circulam no Japão em português, atendendo à comunidade de mais de 200 mil brasileiros que lá vivem. Há várias lojas com produtos brasileiros (alimentícios, vestuário, livros, CDs e DVDs entre outros), shows em português com artistas brasileiros e escolas com currículo brasileiro, onde as aulas são ministradas em português. Um cenário inusitado no mundo globalizado e em movimento de hoje é a presença de um grupo de pessoas com traços orientais no Japão – olhos puxados – conversando em português, dançando samba, tocando violão e se declarando brasileiros!

Stuart Hall (2006, p. 48-49) relembra que a identidade nacional é uma das principais fontes de identidade cultural e que esta seria formada e transformada através de um processo de construção de representação simbólica. Uma cultura nacional seria fruto, portanto, desse movimento de construção de identidade nacional, e estaria refletida no padrão de educação nacional, influenciando a generalização de uma “língua nacional”. Os “brasileiros de olhos puxados”, por trazerem em sua constituição histórica a experiência de

terem nascido e vivido no Brasil, teriam construído uma identidade cultural brasileira a partir da construção de sua identidade particular calcada na nacionalidade brasileira.

Milton Bennett (2003) caracterizou a cultura em duas dimensões: a cultura objetiva (materializada em produtos culturais como música, literatura e manifestações artísticas) e a cultura subjetiva (valores e crenças) e em ambas, a língua tem papel preponderante na formação da cultura e identidade de seus falantes. Compreender os contornos, a complexidade e a riqueza da língua portuguesa é de extrema importância para se posicionar a cultura do povo brasileiro, por exemplo, pois ela traz – além dos elementos palpáveis de produtos culturais disponibilizados segundo os critérios de uma cultura objetiva brasileira – os elementos constitutivos de valores e formas de ver o mundo, características da cultura subjetiva brasileira. Essa cultura subjetiva brasileira – a identidade cultural brasileira – assumida e reivindicada pelos *dekasseguis* do Brasil no Japão materializa-se de modo objetivo nos processos comunicacionais mediados pelos meios de comunicação criados pela comunidade *nikkei* brasileira no Japão: os diversos jornais impressos, as rádios, os *websites*, *blogs* etc., que circulam em língua portuguesa (português brasileiro) pelo arquipélago japonês. O historiador português José Gonçalves Mattoso corrobora: “a identidade nacional é fenômeno mental com suporte objetivo” (Mattoso *apud* BRITTO, 2004).

Conforme enunciado por Hall, a identidade nacional é a base da identidade cultural de uma comunidade. Esta identidade cultural, por sua vez, é consolidada pela língua pátria que a media, a qual – em certa medida – também é fruto de uma intervenção governamental (nacional) no esforço de utilização e preservação da língua, através do controle dos sistemas educacionais nacionais (públicos e privados). Nota-se aqui, portanto, a importância da língua materna na constituição de uma identidade cultural, na ideia de pertencimento a um espaço simbólico cultural, muitas vezes indissociável da nacionalidade: “ser brasileiro” confunde o aspecto legal: ser cidadão, com o aspecto identitário cultural (ter características do povo brasileiro: compartilhar um passado comum e identificar-se com ele; **falar a língua** desse povo; gostar das músicas, da comida, do esporte nacionais...). Essa “brasilidade” do *nikkei* é exacerbada no Japão pois, apesar desses brasileiros de origem nipônica terem traços orientais, sobrenome e mesmo alguns costumes japoneses, as “diferenças” culturais entre os japoneses e brasileiros são muito grandes. Portanto, a afirmação da brasilidade se dá também pela negação ao seu oposto, o “não-ser japonês”, como bem relembra Regina Pires de Brito:

Com efeito, a identidade de um grupo é uma realidade que se destaca na sua representação das demais percepções de mundo, porque delas se distingue e assim se faz reconhecer pelos outros. O sentimento de pertença parece resultar de um movimento de mão dupla: de “exclusão”, de “diferença” diante de uns; de “inclusão”, de “afinidade” junto a outros considerados pares – nas palavras de Azevedo (2000, p. 168): “pertencer significa simultaneamente ser incluído numa comunidade e estar separado e diferenciado de outra” (BRITO, 2010, p. 72).

A língua portuguesa, matriz cultural presente na constituição identitária dos *nikkeis* brasileiros – os *dekasseguis* – é reforçada pela identificação e negação, simultaneamente, de heranças culturais no contexto em que as pessoas vivem. Há brasileiros que dominam a língua japonesa que, vivendo no Japão, admiram diversos aspectos da sociedade e cultura do país mas, mesmo assim, se identificam como brasileiros. Por outro lado, há relatos de japoneses imigrantes que vivem no Brasil que dizem: “sou mais brasileiro que japonês”, pois ele não suporta “viver nos moldes de padrão de comportamento japonês”, por ter se “acostumado com a informalidade dos brasileiros”.

Essa brasilidade *nikkei*, apesar de negar uma parcela de sua origem japonesa, não a anula totalmente, pois os *dekasseguis nikkeis* (que têm origem japonesa) possivelmente terão uma modalidade identitária diferente da dos *dekasseguis* que não tenham origem nipônica (cônjuges não-*nikkeis*, casados com *nikkeis*, por exemplo). Um descendente de japoneses geralmente terá maior familiaridade com alimentação japonesa, com o universo cultural nipônico, formas de comportamento e mesmo com a língua japonesa por ter sido exposto a resquícios desse ambiente cultural no convívio com seus familiares. Portanto, essa brasilidade é única e só será plenamente manifesta somente no contexto de vida do Japão.

O ocaso da língua portuguesa na Terra do Sol Nascente

O português já foi a língua franca comercial do extremo oriente, nos séculos XVI e XVII, tendo incorporado cerca de 4 mil vocábulos portugueses no vernáculo japonês na época, em virtude das constantes atividades comerciais desenvolvidas por Portugal (ARAÚJO, 2008). Durante muito tempo, “português” foi sinônimo de “ocidental” no Japão, devido à hegemonia de Portugal nas relações comerciais com o país do Sol Nascente. Essa prevalência lusófona foi quebrada com a expulsão dos portugueses do Japão em 1639, o que causou o paulatino desaparecimento da influência das palavras portuguesas no vocabulário japonês. Hoje, identifica-se cerca de algumas dezenas de

palavras japonesas que se originaram da presença portuguesa no Japão e alguns poucos vocábulos japoneses que se incorporaram no vocabulário português oriundas dessa época: *katana*: espada (do japonês: *katana*); *biombo*: divisória de madeira (do japonês: *biobu*). No Brasil, devido à imigração japonesa recente e a influência econômica e cultural do Japão em nível mundial, algumas dezenas de palavras japonesas foram incorporadas ao português do Brasil, como: *samurai*, *sushi*, *kamikaze*, *tsunami*. A língua é viva e mutante, apropria-se do vocabulário e mesmo formas sintáticas de outras línguas, fundindo-se, adaptando-se, transformando-se nesse processo. Ela não se submete à nenhuma imposição gramatical estabelecida por qualquer instituição, mas se transforma e se modifica na utilização diária pelas pessoas que a utilizam. Elas podem se transformar e morrer. A língua portuguesa falada pelos imigrantes brasileiros no Japão pode subsistir por algum tempo, mas é possível que ela venha a sumir – como língua vernácula utilizada por uma comunidade no Japão – em algum tempo.

Os filhos dos brasileiros que vivem no Japão – mesmo os nascidos lá – não têm direito à cidadania japonesa se seus pais não forem japoneses, mesmo que sejam netos de japoneses. No entanto, estrangeiros podem frequentar as escolas japonesas, o que faz com que os filhos dos trabalhadores brasileiros aprendam a língua e a cultura do Japão, como nativos. Isso faz com que essas crianças (muitas já são jovens e algumas já cursam universidade) possam assimilar a cultura do país onde vivem. Às vezes há uma certa rejeição do idioma português por parte dessas crianças devido a algumas situações contextuais, como por exemplo, vergonha de ser estrangeiro, ou de ser “filho de *dekasseguis*” (o Japão é uma sociedade extremamente homogênea, onde as diferenças muitas vezes são discriminadas). Essa negação conflituosa atinge a identidade da criança que fala japonês, sente-se japonesa, mas não tem direito à cidadania japonesa, pois ela é, como em muitos outros países, baseada na “lei do sangue” e não na “lei do solo”. Os imigrantes japoneses no Brasil não tiveram esse problema, pois seus filhos, nascidos em terras brasileiras, receberam automaticamente a cidadania brasileira. Essa situação, juntamente com a receptividade do povo brasileiro, ajudou na criação da identidade brasileira desses cidadãos que, mesmo não falando português no início (os primeiros filhos de japoneses nascidos no Brasil não falavam o idioma até entrarem na escola) puderam ser amparados pelo governo do país onde nasceram, sendo reconhecidos como “naturais da terra” e recebendo os mesmos direitos de qualquer brasileiro.

O contexto dos filhos de brasileiros nascidos no Japão é diferenciado. Há a possibilidade desses brasileiros “perderem” a língua de seus pais numa proporção mais rápida que a de seus antecessores (os brasileiros, filhos de japoneses no Brasil falavam japonês e português). Muitos filhos de brasileiros no Japão compreendem o português, mas não sabem mais se expressar nesse idioma, apesar de terem a nacionalidade brasileira e não terem a cidadania japonesa. Esta é uma problemática a ser enfrentada pelo governo japonês num futuro próximo.

É possível que a língua portuguesa falada por uma comunidade de mais de duzentos mil brasileiros no Japão venha a ter sua importância diminuída nos próximos anos, por diversas razões. A perda da língua dos pais no contexto de diáspora é um fenômeno recorrente e natural. A menos que haja um intenso intercâmbio cultural entre as gerações seguintes com a terra natal dos antecessores, a geração que vive no estrangeiro – salvo em situações de extrema discriminação, que leva a uma resistência cultural forçada – tende a assimilar o idioma e a cultura locais, consolidando o processo migratório de miscigenação cultural e possível absorção de seus membros pela comunidade local. Uma possibilidade de subsistência da língua portuguesa em terras japonesas seria a sua valorização como um idioma relevante a ser aprendido por razões de intercâmbio cultural e econômico (tal como aconteceu com a língua francesa no passado e, atualmente, com as línguas inglesa e chinesa). Tal percepção dependerá do desempenho futuro do Brasil como nação difusora da língua portuguesa, nos mais variados âmbitos do conhecimento humano, mas sobretudo, nos campos econômico, tecnológico e cultural.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Gabriel Antunes de. *A língua portuguesa no Japão*. In: I SIMELP - Simpósio Internacional de Estudos da Língua Portuguesa. São Paulo: USP/FFLCH, 2008.

BRITO, Regina H. Pires de. Língua e pertença identitária no contexto lusófono. In: *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. v1. São Paulo/Lisboa, 2004, pp. 69-77.

_____. *Quatro contextos, uma língua: reflexões em torno da lusofonia*. In: Colóquio Anual da Lusofonia da SLP, 2002 – Norte. v1. Porto: Sociedade de Língua Portuguesa, 2002. p. 32.

BRAGA, Gustavo Henrique e CRISTINO, Vânia. *Com a economia brasileira em franca expansão, demanda por trabalhadores é grande*. Matéria publicado no Jornal Correio Braziliense em 04/07/2010. Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br>

/app/noticia182/2010/07/04/economia,i=200735/COM+A+ECONOMIA+BRASILEIRA+E
M+FRANCA+EXPANSAO+DEMANDA+POR+TRABALHADORES+E+GRANDE.shtm
l. Acesso em 05/07/2010.

BENNETT, M. J. *Basic concepts of intercultural communication: Selected readings*.
Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1998.

DEBRUN, Michel. *A identidade Nacional Brasileira*. Estudos Avançados. vol. 4, no. 8,
Jan./Abr. São Paulo: Estudos Avançados, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*.
Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SASAKI, Elisa. Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos
brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.) *Cenas
do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 243-74.

SCHERER, Odilo Pedro. *Brasileiros no Japão*. Publicado na internet em 10/07/2006. Texto
disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=23402>. Acesso em
05/07/2010.